

Narrativa, memória e metodologia de apuração no jornalismo de posição: um olhar para o Projeto Escravizadores da Agência Pública¹

Cicélia Pincer Batista²
Docente ESPM-SP
Gean Oliveira Gonçalves³
Docente FIAM FAAM
Marta Regina Maia⁴
Docente PPGCOM/UFOP-USP

RESUMO

Este trabalho objetiva refletir sobre as relações entre narrativas jornalísticas e memória social, tendo como *corpus* a apresentação do Projeto Escravizadores, “Como a Pública descobriu antepassados de políticos que teriam escravizado pessoas” e a reportagem “Por que é tão difícil traçar a genealogia de pessoas negras no Brasil?”. Como metodologia, avaliamos a partir de quatro eixos: a humanização dos protagonistas, o contexto, as raízes histórico-culturais da situação e os diagnósticos e prognósticos dos especialistas (Medina, 2008). Consideramos que a pauta indicada contribui para o rompimento da invisibilidade do legado escravagista e as implicações sociais do tema.

PALAVRAS-CHAVE: narrativas; memória; jornalismo; Agência Pública; Projeto Escravizadores

Resumo expandido

A pauta jornalística, em geral, transita entre a narração dos acontecimentos imediatos, aqueles que exigem apuração e publicação rápida, pois estão diretamente ligados a eventos em andamento ou recém-ocorridos, considerados temas quentes; e a interpretação de comportamentos, grupos, ideias, posições sociais em assuntos sem urgência, tidos como temas frios. Tal construção resulta na percepção de jornalistas de uma distinção entre *soft news* e *hard news*.

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho **Narrativas Jornalísticas Contemporâneas**, evento integrante da programação do 28º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 15 a 17 de maio de 2025.

² Professora do Curso de Jornalismo da ESPM-SP. Membro do grupo de pesquisa Epistemologia do Diálogo Social da ECA/USP, email: cicelia.batista@espm.br

³ Professor do Curso de Jornalismo do FIAM FAAM Centro Universitário. Membro do grupo de pesquisa Epistemologia do Diálogo Social da ECA/USP, email: geangoncalves@fmu.br

⁴ Docente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Ouro Preto. Bolsista Sênior CNPq de Pós-Doutorado na ECA/USP. email: martamaia@ufop.edu.br

Não tem sido trivial, desde o início da segunda década deste século XXI, que o sistema midiático hegemônico declare majoritariamente contribuir com o jornalismo diário de *hard news*, enquanto o jornalismo digital independente tenha adesão às reportagens especiais, tidas como *soft news*. É válido salientar que a separação entre *hard news* e *soft news* não representa um consenso acadêmico (Reinemann et al, 2011). Todavia, para além de problematizarmos esses parâmetros de classificação, é fundamental, para a proposta deste artigo, afirmar que a percepção da relevância política de uma matéria jornalística nasce para o público mais amplo na pauta. Fabiana Moraes (2022) diz que a pauta é responsável por enquadrar, a partir de um ou poucos olhares, o que será compartilhado com o público. Nesse sentido, a pauta e a apuração podem até subverter as distinções entre *hard* e *soft news*.

Ao definir a pauta como uma arma de combate, Moraes (2022, p. 104) considera que a reflexão e a produção jornalística atravessada por “questões de gênero, classe, raça territórios” é o que garante a ruptura com valores colonialistas, machistas, racistas, misóginos e homofóbicos ainda muito presentes na cobertura jornalística *mainstream*, conferindo ao campo o que poderíamos denominar de um novo possível tanto do ponto de vista epistemológico quanto metodológico e prático. Tal perspectiva pode ser alcançada, ou possivelmente encontra condições de realização mais propícias, no âmbito de novos arranjos produtivos do jornalismo digital que buscam relativa autonomia em relação ao sistema midiático hegemônico.

Referimo-nos, aqui, a iniciativas a que se convencionou chamar de jornalismo digital independente, também entendidas como práticas jornalísticas posicionadas que assumem uma postura combativa ou engajada diante de determinados assuntos públicos, demonstrando que podem ser pautas jornalísticas de relevância política eventos traumáticos coletivos, temas e reflexões tidos como periféricos e identitários, perfis humanos, investigações sobre direitos humanos e narrativas que põem em centralidade grupos politicamente desprestigiados. A pauta em tais meios jornalísticos serve para reconstituir um tempo histórico ou para saber mais sobre pessoas, grupos, lugares e temas.

A partir dessa perspectiva, pretendemos trabalhar com a noção do jornalismo como agente de memória, que pode colaborar com a revisão crítica do passado (Pollak, 1989), na medida em que a memória oficial hegemônica não considera as diferentes

versões dos acontecimentos, bem diferente do que observamos no *Projeto Escravizadores*⁵, desenvolvido pela Agência Pública. Contando com o apoio do Pulitzer Center, em julho de 2023, a Pública resolveu investigar as raízes genealógicas dos principais líderes políticos do Brasil. O levantamento, inédito, foi inspirado no especial “*Slavery’s Descendants*”⁶, publicado pela Reuters, e resultou em uma série de reportagens sobre o processo escravagista no Brasil.

Nossa proposta, portanto, tem como foco as relações entre narrativas jornalísticas e memória social, considerando as características do jornalismo de posição, e tendo como objetos o texto “Como a Pública descobriu antepassados de políticos que teriam escravizado pessoas” - de Bianca Muniz, publicado em 19 de novembro de 2024 -, e a reportagem “Por que é tão difícil traçar a genealogia de pessoas negras no Brasil?” - de Pedro Ezequiel, publicado em 20 de novembro de 2024.

O primeiro texto explicita o percurso metodológico adotado pela Pública para a produção das narrativas que ensejam o *Projeto Escravizadores* e traz ainda indícios da constituição de uma pauta politicamente relevante em virtude da memória da escravização no Brasil e a descrição dos processos de apuração do especial jornalístico, com ênfase às fontes mobilizadas e ao diálogo com professores pesquisadores, explicitando o necessário diálogo entre saberes. A reportagem, por sua vez, aborda as dificuldades de acesso a informações sobre antepassados de pessoas negras e indígenas, explicitando o silenciamento de vozes e dos sujeitos protagonistas do longo processo de escravização e seu apagamento na história do presente.

Assim, pretendemos desenvolver uma análise que, baseando-se em diálogos possíveis entre as duas narrativas anteriormente indicadas, nos leve a empreender uma estratégia metodológica assente em dois movimentos compreensivos expressos nas seguintes interrogantes: 1) como o primeiro texto indica e orienta os processos narrativos mobilizados nas reportagens que constituem o *Projeto Escravizadores*; 2) a tomar a reportagem “Por que é tão difícil traçar a genealogia de pessoas negras no Brasil?” como resultado do processo de pauta e apuração indicados no primeiro texto, quais elementos constitutivos de sua narrativa expressam a visão sobre a memória social, especialmente no que diz respeito à visibilidade e silenciamentos de sujeitos

⁵ Disponível em:

<https://apublica.org/especial/projeto-escravizadores-investigacoes-sobre-escravidao-no-brasil/>.

⁶ Disponível em: <https://www.reuters.com/investigates/special-report/usa-slavery/>.

envolvidos no longo processo de escravização e seus desdobramentos no atual cenário brasileiro:

Resgatar registros históricos e memórias de pessoas escravizadas é um trabalho dificultado não apenas porque envolve processos de apagamentos, mas também por traumas sociais, individuais e familiares, e por processos históricos que foram colocados pela violência da escravidão, pela complexidade das hierarquias desse sistema, a miscigenação e, também, as migrações (Matos apud Ezequiel, 2024, on-line).

Para tanto, propomos, como metodologia, estratégias analíticas apresentadas por Cremilda Medina (2008, p. 79), a saber: “a humanização dos protagonistas da ação social, o contexto abrangente do acontecimento pontual, as raízes histórico-culturais da situação em foco e os diagnósticos e prognósticos dos especialistas que pesquisam o tema”. Propostas por Medina e Paulo Roberto Leandro, em 1973, no âmbito de pesquisa sobre “a arte de tecer o presente”, tais estratégias, ou tendências, como as nomeia a autora, mostra sua atualidade quando se considera que

Aferimos essas tendências nos grandes jornais da época e hoje 35 anos depois, ainda é preciso procurar na mídia e na bibliografia científica essas virtuais possibilidades para armar uma interpretação senão definitiva, pelo menos razoavelmente complexa (Medina, 2008, p.79)

Este percurso metodológico possibilita uma interface entre narrativas jornalísticas e o trabalho de enquadramento da memória, sobretudo a se considerar com Pollak (1989, p. 9) que

O problema que se coloca a longo prazo para as memórias clandestinas e inaudíveis é o de sua transmissão intacta até o dia em que elas possam aproveitar uma ocasião para invadir o espaço público e passar do "não-dito" à contestação e à reivindicação; o problema de toda memória oficial é o de sua credibilidade, de sua aceitação e também de sua organização.

O diálogo com as reflexões de Michael Pollak se mostra pertinente uma vez que, ao fazer uma crítica sobre a perspectiva adotada por Maurice Halbwachs e à visão durkheimiana sobre a memória coletiva, ele destaca a necessidade de se considerar o que chama de caráter potencialmente problemático da memória coletiva, reiterando a importância de aportes na história oral para os trabalhos contemporâneos que se voltam a este tema, nas mais diferentes áreas da pesquisa social. Outros aspectos das reflexões de Pollak (1989, 1992) se mostram pertinentes à nossa proposta: a seletividade da memória social; sua compreensão como disputa - ao apontar a importância da

resistência da sociedade civil em relação aos discursos e narrativas oficiais -; as exigências de justificação implicadas no enquadramento da memória - e que nos remetem às relações entre narrativas jornalísticas, fontes e construção de ideias centrais sobre eventos históricos traumáticos, por exemplo -; e o papel dos arquivos no processo de reconstituição narrativa da memória social.

Este último aspecto se coaduna com o trabalho de Celso Castro (2008), que, ao abordar os desafios metodológicos e epistemológicos do trabalho com arquivos - como é o caso do *Projeto Escravizadores* - nos alerta que não se deve ter uma visão ingênua da memória social e dos documentos/arquivos nos quais ela se encontra objetivada: “tal como nossos documentos e objetos históricos, eles dão existência física à história, encarnam a qualidade íntima do acontecimento, põe a quem os consulta em contato com a pura historicidade” (Castro, 2008, on-line).

Também constitui as bases teóricas desta proposta, o trabalho de Seligmann-Silva (2022, p. 21; grifos do autor) ao nos apontar que, no Brasil, trata-se da “[...] luta pelo reconhecimento do elemento violento, ideológico, de *apagamento* dos negros e de uma miríade de culturas, no bojo dessa estética “universal” e universalizante, antes de mais nada branca, eurocêntrica e racista”.

Neste sentido, o estudo incorpora ainda o debate em torno da prática do jornalismo de posição em arranjos jornalísticos digitais, também nomeado de jornalismo de causas, de combate, militante ou insurgente. Tomar uma posição é comum aos novos arranjos jornalísticos, que segundo Barsotti e Vieira (2023, s/p), passam a ter o engajamento em causas como “um valor a ser perseguido pelo jornalismo, e não mais uma transgressão às normas da profissão”. Pesquisas sobre jornalismo de posição, como em Moraes e Lima (2023, s/p), colocam esse “posicionar-se” como uma postura epistêmica decolonial, que faz frente “à lógica moderno-colonial que se baseia na desumanização, subalternização, expropriação e obliteração dos “outros”, das existências dissidentes, das pessoas racializadas”. Em um jornalismo que produz narrativas que tomam uma posição diante dos fatos e da vida, que concretiza uma expectativa, das novas audiências jornalísticas, do sujeito contemporâneo: “esperamos do jornalismo mais do que o relatório de um fato, declarações enfadonhas ou ainda a mera repetição de estigmas contra populações historicamente invisibilizadas” (Peres e Maia, 2023, p. 18).

Por fim, espera-se contribuir com uma reflexão sobre a pauta e a apuração como etapas que fundamentam um possível jornalismo em torno da história e da memória. Afinal, percebemos que pautas como essa do *Projeto Escravizadores*, que resultou em várias reportagens sobre o tema, são fundamentais para a problematização do racismo estrutural do país e ainda contribuem para romper o silêncio imposto pela história oficial.

REFERÊNCIAS

BARSOTTI, Adriana; VIEIRA, Agostinho. É possível um jornalismo ativista? As tensões no ethos profissional assentado na objetividade. **Brazilian Journalism Research**, v. 19, n. 3, dez. 2023. DOI: 10.25200/BJR.v19n3.2023.1597.

CASTRO, Celso. **Pesquisando em arquivos**. São Paulo: Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2008.

MEDINA, Cremilda. Déficit de abrangência nas narrativas da contemporaneidade. **MATRIZES**, ano 2, n. 1, 2008, p. 77-96.

MORAES, Fabiana. **A pauta é uma arma de combate**: subjetividade, prática reflexiva e posicionamento para superar um jornalismo que desumaniza. Porto Alegre: Arquipélago, 2022.

MORAES, Fabiana; LIMA, Verônica Maria Alves. Jornalismo como drible: estratégias insurgentes e silenciosas na revalorização do campo. In: ANAIS DO 21º ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO, 2023, Brasília. Anais eletrônicos [...], Galoá, 2023. Disponível em: <<https://proceedings.science/encontros-sbpjor/sbpjor-2023/trabalhos/jornalismo-como-drible-estrategias-insurgentes-e-silenciosas-na-revalorizacao-do?lang=es>>. Acesso em: 29 Mar. 2025.

PERES, Ana Cláudia; MAIA, Marta Regina. JORNALISMO DE TEOR TESTEMUNHAL: contribuições para um diálogo possível entre a pauta e a narrativa. In: ANAIS DO 32º ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, 2023, São Paulo. Anais eletrônicos..., Galoá, 2023. Disponível em: <<https://proceedings.science/compos/compos-2023/trabalhos/jornalismo-de-teor-testemunhal-contribuicoes-para-um-dialogo-possivel-entre-a-pa?lang=pt-br>> Acesso em: 29 Mar. 2025.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Revista Estudos Históricos**, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Revista Estudos Históricos**, v. 5, n. 10, p. 200-215, 1992.

REINEMANN, Carsten; STANYER, James; SCHERR, Sebastian; LEGNANTE, Guido. Hard and soft news: A review of concepts, operationalizations and key finding. **Journalism**, 13(2), 2011, pp. 221-239. DOI: 10.1177/1464884911427803.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. **A virada testemunhal e decolonial do saber histórico**. São Paulo: SciELO-Editora da Unicamp, 2022.